

O CORPO, A FALA, O TEXTO*

MARIA DA CONCEIÇÃO FIRMINO**

Creio que é pacífico considerar que a Escola em geral, para lá da transmissão de conhecimentos, (função esta cada vez mais questionável, num mundo como o de hoje) preferenciou quase sempre, no desenvolvimento da criança, tudo o que releva do raciocínio, da lógica, dos aspectos cognitivos da sua personalidade. E mesmo para conseguir estes objectivos (bastante restritivos se tivermos em conta a formação integral da criança) nem sempre os melhores caminhos, que é como quem diz, as metodologias mais correctas foram seleccionadas. Devemos, por isso, muito a Piaget - e não só a ele, claro - quando, a partir da sua teoria psicológica, algumas ilações de tipo pedagógico-didáctico foram aplicadas no ensino-aprendizagem. Sendo o pensamento uma operação, uma forma de acção, mesmo um sistema de operações lógicas, baseado, antes de tudo, na acção que a criança desenvolve em actividades sensório-motrizas, compreendemos, pois, como a criança desenvolve o raciocínio, aprende a pensar e a falar, estrutura a sua formação intelectual e linguística. Tem, então, um significado profundo toda a metodologia assente na cooperação dos alunos, no trabalho em equipas e na discussão em comum, a propósito das noções e dos conceitos a adquirir. Agindo, a criança aprende a pensar, resolvendo situações problemáticas, ela organiza de maneira operatória o seu próprio pensamento. E tudo isto vai de par com a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em

relação ao ensino, trata-se, pois, de organizar situações de ensino-aprendizagem onde a criança seja levada a resolver ou a propor problemas, a desenvolver actividades de pesquisa, a discutir assuntos sob diversos pontos de vista, etc..

Retomando o conceito "formação integral da criança" não nos podemos contentar, porém, em relacioná-lo somente ao aspecto intelectual dos nossos pequenos alunos. Formação integral quer dizer desenvolvimento integrado e harmonioso de todas as componentes de uma dada personalidade e, assim, é forçoso pensarmos nas componentes social, moral e também afectiva da criança.

Modernamente não foram poucos os pedagogos que demonstraram o papel essencial da já referida cooperação dos alunos em trabalhos de equipa e de grupo e a sua contribuição na formação social e moral dos alunos.

Mas retomando o que de início dizíamos sobre o que tem sido a função da escola, verificamos que esta se tem dedicado pouco ao desenvolvimento afectivo da personalidade dos pequenos seres em formação.

Vejamos porquê:

A criança é o seu corpo - dizem os teóricos da expressão corporal. De facto, desde muito cedo, a partir dos seis meses sensivelmente, que a criança vai tomando consciência do corpo como uma forma total, uma *gestalt* que lhe permite construir a primeira imagem do próprio corpo (Lacan)

* Este texto é uma 2ª versão duma parte da comunicação apresentada no Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português, realizada em Maio de 1987, em Lisboa.

** Docente da Escola Preparatória de S.ª Clara de Évora

e, a partir dele, entrar num processo de comunicação com o outro (a mãe, os familiares que a rodeiam) permitindo-lhe, assim, uma interacção comunicativa propiciadora da construção da sua identidade: o choro, a gesticulação dos membros, as vocalizações intensas são os meios de expressão utilizados pelo bebé para conseguir as carícias e a satisfação das suas necessidades básicas e, conseqüentemente, o conhecimento do meio envolvente. Toda esta expressão corporal de tipo não verbal, toda esta intensa "fala" do corpo vai preparar, como sabemos, a verbalização ou a aquisição da linguagem (pelo 2º ano de vida). Vemos assim como, no ser humano, a fala do corpo (expressão corporal) prepara e é factor de aquisição e desenvolvimento da fala propriamente dita, ou seja, da expressão verbal. "A semântica do corpo e a palavra têm o seu ponto de encontro nos primeiros fonemas, em que o tempo acústico se integra no tempo articulatorio (o gesto vocal torna-se som articulado)" Resnik, 1973. Assim, a linguagem verbal vai ser utilizada pela criança de forma preponderante a partir dos 4 anos, nas suas relações interpessoais.

Mas a aquisição da linguagem falada, assim como o processo de estruturação da sua personalidade, não se faz sem custos para a criança. A expressão corporal é uma fala que traduz somente *o aqui e o agora*, expressa o instante vivido e é sinal da subjectividade primeira do sujeito, das suas emoções e da sua afectividade. (ver "Sobre a comunicação interpessoal" de António Caetano, Ulmeiro, 1978)

Com a entrada na língua, a criança substitui o real por símbolos, é capaz de se distanciar (racionalizar) o acontecimento vivido, antecipa mentalmente as acções a realizar, desliga-se mais das emoções (às quais ela se entregava de forma absoluta enquanto bebé) sobretudo com a língua e através dela, a criança vai desenvolver os caminhos da racionalidade.

Perspectiva-se aqui o perigo (real) de abafar na criança tudo o que releva da sua subjectividade, da sua afectividade e isto através do condicionamento cultural e educacional imposto ao corpo dos sujeitos: "Não se mexe aí", "Não se mexe no cor-

po, não é bonito", "Não olhes", "Não mexas", "não chores", "Um homem não chora", "Se fazes isso, corto-te a pilinha", etc, etc.. Diz o psicólogo António Caetano que isto é o começo da "rigidez facial e corporal... É o começo da insensibilidade. Mal começou a descobrir o corpo e já tem de o desconhecer". Os resultados, por vezes trágicos, são a mudez dos corpos, a sensação do corpo fragmentado, o começo da alienação na comunicação e na socialização da criança, é o abafar da sua afectividade, é a moldagem da sua personalidade (com os conseqüentes distúrbios de tipo psíquico a explodirem na fase adulta) - Tudo isto para que a criança possa vir a desempenhar o papel e a assumir a imagem (ou a máscara) que a sociedade lhe irá a seu tempo exigir. Na escola, nós sabemos isso muito bem, o professor tem voz e pode deslocar-se de um lado para o outro - os alunos, pelo contrário, têm um lugar fixo, não podem andar livremente pela sala, não podem fazer gestos, usar a voz como lhes apetece, mexer, tocar, olhar, falar, expressar-se livre e espontaneamente. As conseqüências essas, já as adivinhámos: crianças passivas, desinteressadas, amorfas, sem espontaneidade, crianças com bloqueios de linguagem e dificuldades várias de expressão verbal e, sobretudo, crianças fechadas para a escrita e para a leitura, para o prazer do texto.

Serge Leclair, discípulo de Lacan e que estudou as relações do sujeito com o corpo, considerou este como um conjunto de zonas erógenas, zonas marcadas, nas quais se inscreveram, no sentido simbólico, as letras ou fonemas (as marcas) que traçaram no corpo (considerado como texto) os percursos (a escrita) duma interacção afectiva primordial (a carícia do dedo da mãe no corpo da criança, por ex), "fonemas" esses dificilmente esquecidos pela vida fora e facilitadores do processo da verbalização. Ouçamos Maria Alzira Seixo, que, citando Benveniste nos diz: "O universo da palavra, que é o da subjectividade" forma-se desta maneira a partir de dados concretos, objectuais, filtrados pelo sujeito enquanto entidade psíquica». Se assim é e não simplificarmos demasiado aquele conceito de Serge Leclair, parece-

-nos que a criança, tão sensível a tudo quanto lhe suscite prazer, necessidade, desejo, satisfação, a tudo quanto a marque decisivamente no texto do seu corpo, a criança, dizíamos, posta em contacto (através dos olhos, dos ouvidos) com música, com dança, com poesia, com textos poéticos, poderá desenvolver-se harmoniosamente no sentido duma expressão verbal rica, vivida, pessoal e criativa - como nos diz Georges Jean, a propósito da leitura de textos: "O que eu quero dizer globalmente é que a leitura passa pelo corpo, atravessa-o; o corpo da criança, depois o do homem, é uma espécie de ressoador que reage de qualquer forma e o mais das vezes no inconsciente corporal, à leitura". E Paul Eluard sobre a leitura da poesia: "Todas as torres de marfim serão demolidas, todas as palavras serão sagradas e o homem, estando finalmente conciliado com a realidade que é a sua, já só terá que fechar os olhos para que se abram as portas do maravilhoso".

A Pedagogia da Criatividade é um paradigma relativamente novo no quadro das ditas Novas Pedagogias e assente no que até agora era quase sempre obliterado: o desbloqueamento afectivo da criança, o desenvolvimento afectivo da sua personalidade, a assumpção do corpo como signifiante duma relação eu/outro/mundo, a linguagem como condição do imaginário.

A criança não aprende apenas noções e conceitos, ela é sensível aos sons, aos gestos, ao movimento, às cores, às formas, às palavras - é outra forma de "compreender" o que a rodeia. «L'imagination permet à tous les niveaux de **comprendre**. Au sens étymologique de ce verbe, Elle permet de "prendre avec soi" le réel.»⁽¹⁾ Racionalizar demasiado como vimos é extremamente perigoso e anquilosante na educação da criança. É preciso cultivar nela o imaginário, através da expressão corporal e da linguagem (jogos poéticos e dramáticos, poesia, contos, lengalengas, compitines, dramatizações). Só pelo facto de falar, de usar a linguagem, a criança está apta a imaginar. A língua, é, por si só, condição de imaginário. Quando falamos, pre-

sentificamos pela linguagem o que está ausente, "imaginamos", pois, que está presente. "Ler é imaginar",⁽²⁾ por isso é tão determinante na formação da criança todas as actividades de leitura que a Escola puder pôr à sua disposição, embora todo o imaginário deva ser enraizado no real.

Desenvolver a linguagem na criança, servindo-se dela como instrumento de compreensão e domínio do real e como instrumento de comunicação numa sociedade de que ela faz parte é uma das finalidades da Escola. É preciso facilitar essa função, implicando afectivamente a criança na sua aprendizagem da língua, criando-lhe situações "mágicas" de contacto com ela (através de contos, narrativas dramatizações e muito em especial da poesia). É preciso fazê-la viver o poder encantatório das palavras, brincar com elas, senti-las na sua materialidade, reagir ao seu poder evocador, embarcar na aventura da linguagem. Trabalhando, assim, a linguagem "por dentro", a criança apropria-se dela e com ela se realizará como ser na sua globalidade, pois como dizia Heidegger "A linguagem é a morada do ser".

Eis o papel da expressão corporal, por um lado, e da poesia, por outro, numa pedagogia global da criatividade - o desbloqueamento afectivo cria condições de descentramento e de abertura ao mundo que rodeia a criança e com isso a libertação da língua e das regras que a estruturam, a fuga às imposições da linguagem, dando oportunidade a que a criança se realize dialecticamente nessa linguagem através da escrita/leitura, submetendo-se por um lado a regras, por outro, ultrapassando-as.

A língua é, como sabemos, um espaço de restrições e de liberdade.

Explorando os caminhos do imaginário e do maravilhoso, podemos incutir nos alunos destes níveis etários (1º, 2º e mesmo 3º Ciclo do Ensino Básico) o desejo de ler, o prazer da leitura e ler é bem dispor de instrumentos para adquirir conhecimentos, segredos, práticas, saberes.

Estimulando o desejo de ler (e também o desejo de escrever) faremos dos

nossos alunos, com o tempo, sujeitos de leitura. E também sujeitos de escrita. Ler/Escriver, Analisar/Produzir textos, eis as fronteiras da acção dum professor de Língua Materna, professor que também deveria ser, por condição natural, *um sujeito de leitura e um sujeito de escrita*.

Ler com a criança, escrever com a criança, é uma atitude correcta do ponto de vista pedagógico, pois compromete o professor numa relação mais aberta e mais autêntica, para lá de o fazer confrontar-se com a resistência da escrita e de o implicar na criação do texto, na leitura (vívda) do texto. Bachelard dizia que uma boa leitura é aquela em que a realidade do corpo está presente. Ler (com o corpo) os contos e os poemas de Sophia, de Matilde Rosa Araújo ou de Ilse Losa com as crianças, é

escolher a aventura da poesia, é realizar o encontro mágico com as palavras, com o maravilhoso, é partilhar com a criança (e com uma certa cumplicidade gostosa) a construção de seu ser, o seu devir como pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (1) Jean-Paul Resweber, *Les Pédagogies Nouvelles*, coll. "Que sais-je?", Presses Universitaires de France, 1986 (p.97)
- (2) Georges Jean "A leitura, o real e o imaginário" in *O Poder de Ler*, Liv. Civilização Editora, Porto, 1978 (pp.48-55)